

**YLÊ AYÊ<sup>45</sup> ORUM UBUNTU:  
BEBENDO DAS FONTES DA AFRICANIDADE**

*Jose Geraldo da Rocha* (UNIGRANRIO)

rochageraldo@hotmail.com

*Cristina Conceição da Silva* (UERJ)

*Gabriela Girão de Albuquerque* (UNICAMP)

[gabriela.albuquerque@unigranrio.br](mailto:gabriela.albuquerque@unigranrio.br)

### **1. Introdução**

O presente artigo objetiva articular as terminologias, proferidas pelos africanos com vistas à criação de possibilidades de construir um modo diferente de estar no mundo, realçando valores e concepções que foram ficando relegados no processo histórico da sociedade brasileira.

Logo, nos deteremos a observar a força das palavras para os povos do continente africano e que, por conseguinte fazem parte da sociedade brasileira, as palavras que neste artigo vamos abordar estão relacionadas ao universo religioso dos povos africanos, como também representam lições de solidariedade, respeito e fraternidade.

Tendo em vista que a palavra representa a passagem de experiência, dentro de um grupo, o que afiança a sobrevivência dos mesmos, são as palavras que transitam por toda uma vivência que orienta esse vai e vem dialético, onde a vivência ecoa na palavra, onde essas uma vez ditas repercutem na vivência do grupo.

Assim sendo buscaremos através das palavras *ilê*, *Aiê*, *Orum*, *Ubuntu*, todas de origem africanas, suas forças dentro de um grupo e sua representatividade para os mesmos, trazendo em pauta as questões místicas e lendárias que envolvem, essa estrutura fonológica tão diferente da língua portuguesa. Mostrando que nenhuma palavra é neutra e que todas vêm carregadas de uma história e que a fonte oral para os povos oriundos da África é de uma riqueza imensurável. E que esta fonte nos abastece de conhecimentos e nos permite discutir nos espaços acadêmicos fatos e representações expressivas que estão relacionadas aos significados das palavras dos povos africanos.

---

<sup>45</sup> Nesta edição, foi feita a atualização ortográfica. [NE]

Neste sentido compreendemos que ao estarmos abertos a discutirmos o legado fonológico dos povos africanos, estaremos proporcionando a disseminação de suas palavras e significados, de forma que possamos contribuir com os aspectos relacionados à riqueza proporcionada pela diversidade étnica existente no mundo contemporâneo.

## 2. *A força das palavras na cultura africana*

África, berço da humanidade. Os estudos recentes têm demonstrado a relevância do continente africano na formação da humanidade. Não só é a África berço da humanidade, mas para muitos países e até mesmo continentes inteiros, ela representa uma fonte inesgotável de onde é possível e necessário beber. No caso particular do Brasil, a sede do povo brasileiro não consegue desvincular a trajetória do país das raízes da África. Beber dessa fonte em suas múltiplas dimensões e nos seus variados sentidos e significados e afirmar a própria identidade de nação.

Quero beber das águas da mãe África!  
Sou filho de lá, e sem suas águas não posso ficar!  
Quero beber das águas da mãe África  
Estou nas terras da cá, mas tenho certeza sou da África.  
África mãe, fonte de águas. África mãe, águas da fonte  
África mãe, beber de ti minha África, é meu horizonte

(Rocha, 2013)

A palavra tem sentido, a palavra tem força. A palavra é a fonte da oralidade nas culturas africanas.

As contribuições do continente africano para o Brasil estão para o povo brasileiro como a água da fonte está para o caminheiro sedento que caminha nas estradas da vida. Beber das águas que nascem das fontes africanas é alimentar e regar um conjunto de valores que subjaz na raiz da formação de nossa gente. Alguns termos das línguas africanas, vez por outra são inseridos na cotidianidade da vida em função do cordão umbilical que garante a conectividade entre Brasil e África. São termos carregados de significados, muitas vezes uma verdadeira filosofia de vida, a ser ensinada e aprendida na história da humanidade. São essas palavras, segundo Barros (2007), que permitem a transferência de experiência, dentro de um grupo, o que garante a sobrevivência dos mesmos, são as palavras que transitam por toda uma vivência que orienta esse vai e vem dialético, onde a vivência ressoa na palavra, onde essas uma vez ditas repercutem na vivência do grupo. Trata-se de palavras especializadas na

transferência espaço-temporal de experiência de grupo e se inscrevem na trajetória da vida dos mesmos. E essas se constituem de conjunto de tradição oral, embora concebidas no anonimato, os textos orais se apresentam sempre como palavras densas adequadas à vida do grupo, à de ontem, à de hoje e à de amanhã. (BARROS, 2007)

Neste universo das palavras, o primeiro termo por nós aqui abordado é *ilê* – Termo que, na língua iorubá significa casa. É nela que tudo começa no processo de interação entre as pessoas. Os primeiros ensinamentos, os mais ternos gestos de carinho, dedicação, convivência, crescimento, transmissão de saberes. É a morada dos indivíduos. O recanto seguro para o desenvolvimento humano, desenvolvimento do caráter, assimilação dos valores, da ética. No Brasil esse termo ficou restrito à designação do espaço de realização das cerimônias religiosas. *Ilê* passou a ser sinônimo de terreiro, que, por sua vez, passou a significar o barracão onde acontecem os cultos religiosos de matrizes africanas. Obviamente, em virtude dos processos de discriminação, foi perdendo o seu alcance terminológico e sua significância. Herdamos a palavra, o termo, mas restringimos o seu significado. Ao proferir o termo, este já é concebido envolto em uma pejoratividade tamanha que oculta a realidade que o mesmo encerra: um jeito de zelar pelo humano que habita o *ilê* situado no *aiê* sob o *orum*. Aqui reside a possibilidade de construção da harmonia da humanidade. Ao recebermos alguém em nossa casa, para que a pessoa se sinta bem, costumamos dizer a elas “sinta-se em casa”. Isto é, fique à vontade como se você estivesse em sua própria casa. Estar na sua própria casa é sinônimo de ficar à vontade. E isso é de fundamental importância no processo de zelar pela vida. É corrente também, em um mundo de tantas correrias, o desejo de voltar para casa que acomete cada um. Não raras são as vezes que entramos em casa e respiramos aliviados. “Ufa, até que enfim em casa”! O corpo cansado, muitas vezes quase dilacerado, encontra na casa o lugar de descanso, repouso, tranquilidade e paz. A busca desse sentido profundo do termo *ilê*, presente na africanidade implica associá-lo ao segundo termo: *Aiê*. Em princípio o termo significa terra. Daí ser os humanos, os filhos do *aiê*. São os filhos do *aiê* que levantam seus *ilês* para construir relações, vidas e sonhos. Em sua compreensão mais abrangente, por obra de *Olorum*, vive e deve conviver em harmonia com o *aiê*, pois é o lugar onde são construídas suas casas. Ademais, é intrínseco à natureza humana, sintonizar e harmonizar-se com a terra e tudo o que nela repousa, corre, desenvolve sobre ela, dentro dela ou abaixo dela. O *ilê* e o *aiê* vão tornar-se realidades indissociáveis na perspectiva africana de realização do ser humano. Lugar de vivenciar

e compartilhar a energia vital, também, denominada de Axé, entendido aqui como força vital que dá vida a todas as coisas, presente especialmente em objetos ou seres sagrados, também nome de objeto sagrado. Essa energia, do ponto de vista da religiosidade, expressa força espiritual cujo espaço privilegiado de sua comunicabilidade é o terreiro. Segundo Beniste,

ao ser escolhido o espaço onde será erguido um candomblé, os senhores do invisível, donos do espaço são devidamente reverenciados, assim como a terra é devidamente consagrada através de um ritual específico. Faz-se uma abertura no solo para nele serem depositados os mesmos elementos com que são consagradas as pessoas quando de sua iniciação [...] o templo é símbolo do espaço sagrado (BENISTE, 2008, p. 26-27)

O ilê deve ser um espaço de colaboração e partilha. É importante que as pessoas dentro da casa sintam que as suas opiniões e ideias têm alguma importância para a comunidade. Se for verdade que duas cabeças pensam melhor do que uma, então um ilê é o melhor exemplo disso, mesmo sacerdotes e sacerdotisas intelectualmente reconhecem que é assim que funciona a lógica o ilê.

Então como podemos observar a palavra ilê vem carregada de significados que não só compreendem o espaço físico, mas também uma forma de se conceber a vida e o compartilhamento dentro de um grupo de religiosos de matriz africana.

### 3. *A força do Orum o espaço infinito de Olorum expressadas no contexto religioso*

A articulação do ilê com o aiê se dá sob o Orum. Segundo a tradição da cultura iorubá, tal terminologia é empregada para designar o céu. Daí que, em iorubá, o Deus do Céu é chamado de Olorum. Esse é o Deus único e criador de tudo.

Reza uma história africana, originária de Ketu, que no início de tudo havia o Orum, o espaço infinito, e lá vivia o deus supremo Olorum. Certo dia, Olorum criou uma imensa massa de água, de onde nasceu o primeiro orixá: Oxalá, o único capaz de dar vida. Olorum mandou Oxalá partir e criar o aiê, o mundo. Só que Oxalá não fez as oferendas necessárias para a viagem e enfrentou sérios problemas no caminho<sup>46</sup> (A cor da cultura)

---

<sup>46</sup> Cf. MOJUBÁ. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/mojuba/orixa/ponte-entre-o-orum-e-o-aiy%C3%AA->. Acesso em: 16-04-2013.

Tudo o que existe no orum, foi criado por Olorum e foi concebido para viver e relacionar de modo harmônico na concepção das culturas africanas. O céu, representado em forma de concha virada para baixo nessa concepção cultural, emborça-se sobre a terra, outra metade do mundo também em forma de concha mas virada para cima como que formando com o céu duas abóbadas. No imgético das representações parece que um cuida do outro, ao mesmo tempo em que um complementa o outro. E nesse “jogo” de complementariedade encontra-se mergulhada a humanidade. Hora protegida pela terra, hora pelo céu e quase sempre pelas duas realidades.

E neste contexto entre a criação do mundo, entre céu e terra a letra do samba da Beija Flor de Nilópolis em 1978, faz uma leitura poética acerca da criação do mundo

Olorum senhor do infinito! Ordena que Obatalá<sup>47</sup>  
Faça a criação do mundo  
Ele partiu desprezando bará<sup>48</sup>  
E no caminho adormecendo se perdeu...Odudua<sup>49</sup>.  
A divina senhora chegou  
E ornada de grande oferenda;  
Ela transfigurou  
Cinco galinha d'angola e fez a terra  
Pombos brancos criou o ar  
Um camelão dourado transformou em fogo  
E caracóis no mar  
Ela desceu por cadeias de prata  
Em viagem iluminada  
esperando Obatalá chegar  
Ela é a rainha ele e rei e vem lutar...

(Neguinho da Beija Flor, Mazinho e Gilson – intérprete– Neguinho da Beija Flor – LP Sambas de Enredo das Escolas de Samba do Grupo A – Gravadora Top Tape, faixa 8)

É neste universo místico lendário que os termos, somente usados por seguidores dos cultos afros, é que personagens lendários explicam a criação do universo e todas as dádivas existentes nele, assim sendo Obatalá é um orixá que afirma que a fêmea nasceu no mar e o macho na terra e essa união formou a espécie humana. E que Olorum foi um rei africano valoroso que viveu cerca de 2000 anos antes de Cristo, e que seu nome de

---

<sup>47</sup> O Grande rei pai de todos (Oxalá).

<sup>48</sup> Orixá relacionado as forças energéticas

<sup>49</sup> O grande senhor do Ylê

batismo era Nimrad, ele não conhecia limites territoriais e assim dominou muitos reinos, o nome Obatalá, foi adotado por ele cultuar uma divindade de nome Odúa, e esta seria a representação feminina da criação, ou seja, aquela que tem o poder de gestação. Na tradição iorubá, os orixás são entidades sobrenaturais, forças da natureza emanadas de Olorum, uma das divindades da criação. Guiam a consciência dos vivos e protegem as atividades de manutenção da comunidade. Ainda nesse mundo místicos de explicações do universo através dos termos temos Bará, um ser que estabelece a extensa ligação dos seres humanos com a natureza.

É esse modo de ver a criação do mundo, através de uma visão místicas e até mesmo poética que os nossos ancestrais do continente africano explicam a nossa relação com o universo que atuamos como seres humanos. Os povos africanos produziram uma infinidade de mitos sobre a criação do mundo e as forças espirituais. Isso porque a necessidade de explicar o mundo em que vivemos através das palavras, é praticamente tão antiga quanto à própria humanidade.

É nesse jogo de explicar o mundo que a oralidade na vida do negro se faz presente ao longo da existência humana, tendo em vista que sua cultura pouco importou em um mundo eurocêntrico, a partir de algumas décadas atrás é que esse universo de jogo de palavras e terminologias veem ganhando espaço no mundo das escritas.

E assim Mãe Beata explica em entrevista a Passos, 2007p.105

A palavra é o nosso fogo. Nosso axé. Sem ela não somos nada. Por isso é a oralidade que ensina. A oralidade é o fundamental, foi com ela que chegamos até aqui. A vida inteira eu mantive meu axé através da palavra. Só comecei a publicar agora, a escrita vem para complementar isso. Imagina se nós negros tivéssemos dependido da escrita para não perder nossa fé, nossa cultura, nossa história? A abolição não garantiu nosso direito de ler e escrever. Sobrevivemos graças à nossa oralidade. Mas mesmo na escrita, a palavra tem que ser carregada de axé e da nossa história, se não se perde e o candomblé nunca vai ser perder. Por isso precisamos contar e nos contar.

Logo, como revela Bakhtin (2002), ao defender que nenhuma palavra é neutra e que toda ela vem carregada de uma história e de experiência social e que ela é sempre fruto da expectativa daquele que exprime em torno de seu grupo social. Assim sendo Bakhtin destaca que a palavra é carregada de intenções e de tensões.

Neste sentido o contexto em que se encontram as palavras expressadas pela comunidade do candomblé, que acontece através da oralidade é que um texto escrito se diferencia, pois no contexto religioso suas his-

tórias passam através da oralidade, logo, o contexto escrito, muitas vezes não obedecem a lógica da língua negro-africana, pois se faz necessário termos especiais para descrever suas mestiças histórias, que consiste em informações sobre as lendas dos orixás.

#### **4. *Ubuntu termo rico em simbologia na concepção africana***

É nesse contexto que Ubuntu ganha relevância e sentido. Aqui o termo torna-se mais uma fonte de água cristalina a ser descoberta e disponibilizada na caneca de cada indivíduo e ou coletividade que habita o aiê. Trata-se de um termo extremamente rico em sentido e simbologia, mas que nossos determinismos culturais acabaram tornando sua compreensão tão distante. O famoso “penso, logo existo” proferido por Descartes, onde a existência do ser humano está condicionada ao pensamento, é aqui na “filosofia ubuntu” contraposto por algo eminentemente diferenciado, “sou por que vós sois”.

Enquanto Descartes afirmava “cogito ergo sum” – penso logo êxito, como forma de estabelecer os fundamentos do conhecimento, no universo de uma epistemologia afro, à luz do ubuntu tal afirmação seria modificada pelo “sou porque vós sois”. O fundamento do conhecimento está no sentido da existência, não está no pensar. E o sentido da existência está no relacionar-se. Ora, do ponto de vista filosófico, isso encerra uma enorme riqueza presente numa matriz cultural na sociedade. Entretanto para que isso se torne algo a ser partilhado nos espaços privilegiados de produção de conhecimento, necessário se faz um redimensionamento da inclusão presencial e relacional da diferença.

A sociabilidade é a conseqüência imediata das faculdades mais ligadas ao ser do homem, que são: o conhecimento, a corporeidade, a linguagem, a liberdade e o amor. O conhecimento põe-no em contato com todo o mundo que o circunda, particularmente com o mundo humano. A linguagem permite-lhe trocar com os outros as suas idéias próprias, os próprios sentidos, os próprios projetos. O corpo dá lhe a possibilidade de trabalhar, jogar, divertir-se etc. junto com os outros. O amor e a liberdade colocam-no à disposição para dar-se aos outros e para fazê-los participantes das próprias coisas e do próprio ser. (MONDIN, 2005, 170-171)

É uma lógica diferente, fundada na relação. A minha existência existe por que o outro existe. Essa é a dinâmica do termo Ubuntu. Assim se referia o Bispo Anglicano Negro da Africa do Sul sobre o conceito de Ubuntu:

Ubuntu é um conceito que temos em nossas línguas bantu em casa. Ubuntu é a essência de ser uma pessoa. Isso significa que somos pessoas através de outras pessoas. Nós não podemos ser plenamente humano sozinho. Nós somos feitos para a interdependência, que são feitas para a família. Quando você tem o Ubuntu, você abraça os outros. Você é generoso, compassivo. Se o mundo tivesse mais ubuntu, não teríamos a guerra. Nós não poderíamos ter esta enorme lacuna entre os ricos e os pobres. Você é rico, de modo que você pode fazer o que está faltando para os outros. Vocês são poderosos, de modo que você possa ajudar os fracos, assim como uma mãe ou um pai ajuda os filhos. Este é o sonho de Deus. (Desmond Tutu)

Essa compreensão é muito difícil quando nossos referenciais estão pautados nas culturas européias. A título de exemplificação destacamos um pequeno texto que circula nas redes sociais falando sobre um pesquisador em meio a um povo que tem ubuntu.

Contam que um antropólogo estava estudando os usos e costumes de uma tribo da África chamada Ubuntu e, quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto de volta pra casa. Sobrava muito tempo e ele resolveu propor uma brincadeira para as crianças, que achou ser inofensiva. Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, botou tudo num cesto bem bonito com laço de fita e tudo e colocou debaixo de uma árvore. Ele chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse "já!", elas deveriam sair correndo até o cesto e, a que chegasse primeiro, ganharia todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse "Já!", instantaneamente todas as crianças se deram as mãos e saíram correndo em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces entre si e a comerem felizes. O antropólogo foi ao encontro delas e perguntou por que elas tinham ido todas juntas se uma só poderia ficar com tudo que havia no cesto e, assim, ganhar muito mais doces. Elas simplesmente responderam: "Ubuntu", tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes? (Projeto Árica de todos nós<sup>50</sup>)

O termo ubuntu, segundo Nogueira, 2007 abarca, compõe e regula várias comunidades africanas bantúfonas. Todavia é importante salientar as bases racistas, os processos históricos e as implicações da escravização impetrada por árabes e europeus de povos negro-africanos a partir do século VIII que provocaram a diáspora. As migrações de povos negro-africanos na qualidade de pessoas escravizadas inicialmente para o próprio continente europeu e, em seguida, para colônias européias, fato que aconteceu entre os séculos IX e XIX. Além das relações entre elites européias e classes dirigentes da elite africana, estabeleceram relações as-

---

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://projetoafricadetodosnos.blogspot.com.br/2011/07/ubuntu-uma-licao-facil-de-aprender.html>>. Acesso em: 16-04-2013

simétricas que foram decisivas no estabelecimento do modelo europeu de Estado– Nação e subdesenvolvimento dos países africanos no cenário mundial.

Mesmo diante da afrodiáspora, de acordo com Nogueira(2007) as sociedades falantes de idiomas do tronco linguístico bantu compartilham a noção de que a comunidade dimensões: relacionadas aos ancestrais, os vivos e os que ainda não nasceram. A ética deve levar em consideração essas dimensões. Se a materialização de uma pessoa está sempre na interação com todas as outras pessoas. É imperativo levar em conta os ancestrais e os que estão por vir. No idioma swahili existe um princípio chamado *kuumba*, a palavra significa, literalmente, criatividade. O que, em termos de princípio, remete a competência de criar, inventar e usar toda nossa aptidão para deixar tudo os legados de nossos ancestrais – a comunidade, os bens, o meio ambiente e toda a cultura – mais belas, belos, confortáveis e funcionando adequadamente para os que virão.

O provérbio Gikuyu, *Kiunuhu gitruagwo* (a avareza não alimenta) diz muito da perspectiva ubuntu e pode facilmente ser associado à moral ubuntu, porque se a realização de uma pessoa passa pelas outras, significa que a capacidade de partilhar com as outras é fator indispensável na construção individual. Neste sentido, a bondade é exaltada num sentido cada vez menos convencional, não se trata de ofertar, doar recursos ou fazer das outras pessoas um objeto da caridade individual. Mas, significa trabalhar junto e fazer do resultado dos esforços um campo vasto para movimento e proveito de todas as pessoas. Em outros termos, num sentido afroperspectivista, não ser mesquinho é compreender que o resultado de um trabalho individual nunca é realmente obra de uma pessoa; mas, sempre contou com a participação direta e indireta de outras pessoas. Portanto, o valor das coisas precisa ser compartilhado para reconhecermos as diversas faces de nossa existência junto com os outros. A esta causa se dedica o termo Ubuntu.

## 5. Considerações finais

Considerando que as palavras transmitem a vivência e a história de um grupo, nos debruçamos através deste artigo nas terminologias que para os nossos irmãos africanos representam fé, esperança solidariedade e que explicam o universo, tal qual se apresenta. Assim sendo, observamos que a oralidade tão presente na vida desses povos oriundos do conti-

nente africano, tem uma força tão expressiva quanto a escrita para o homem eurocêntrico.

Logo, o presente texto nos sugere inúmeras possibilidades de análise no contexto que envolve o universo das palavras, assim sendo beber das fontes de africanidades não é algo que se consegue apenas no âmbito da pesquisa científica. Pode ser também isso, mas vai além! É reeducar-se para redimensionar valores, reconhecer e assimilar novas concepções de vida, de práticas solidárias, de jeitos de estar no mundo, de modos de gestar e dirigir a vida. Ubuntu como fonte de água a ser bebida ensina a dimensão da realização por meio da coletividade. Não sou nada sem que o outro seja também e não faz sentido a competição para ter mais se o outro não puder ter também. A minha felicidade não se dá no campo da individualidade, como nos faz buscar as sociedades capitalistas.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁFRICA de Todos Nós. *Ubuntu, uma lição fácil de aprender, melhor ainda de viver*. Disponível em:

<<http://projetoafricadetodosnos.blogspot.com.br/2011/07/ubuntu-uma-licao-facil-de-aprender.html>>.

BARROS, Elizabeth Umbelino de. *Línguas e linguagens do candomblé da nação angola*. São Paulo: USP, 2007.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *Na minha casa: prece aos orixás e ancestrais*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

BENISTE, José. *Mitos Yorubás*. O outro lado do conhecimento. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

BENJAMIN, Roberto. *A África está em nós: história e cultura afro-brasileira*. João Pessoa: Grafset, 2006.

FRISOTTI Heitor. *Comunidade Negra – Evangelização e Ecumenismo*. Caderno de pesquisa 1, Salvador: 1992.

MOJUBÁ. *A ponte entre o orum e o aiyê*. Disponível em:

<<http://www.acordacultura.org.br/mojuba/orixa/ponte-entre-o-orum-e-o-aiy%C3%AA>>.

MONDIN, Battista. *O homem, quem é ele?* Elementos de antropologia e filosofia. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

NOGUERA, Renato. *Ubuntu como modo de existir*: elementos gerais para uma ética afroperspectiva. *Revista da ABPN*, v. 3, n. 6, nov. 2011-fev. 2012, p. 147-150.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira & identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PASSOS, Stela Guedes Caputo Mailsa. Cultura e conhecimento em terreiros de candomblé: lendo e conversando com Mãe Beata de Yemonjá. Universidade do Estado do Rio de Janeiro Rio de Janeiro. *Currículo sem Fronteiras*, v. 7, n. 2, p. 93-111, jul./dez.2007

ROCHA, José Geraldo da. *Teologia e negritude*: um estudo sobre os agentes de pastoral negros. Santa Maria: Pallotti, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Diversidade & ações afirmativas*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

SILVEIRA, Renato. Dossiê África reinventada. Do calundu ao candomblé. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, ano 1, n. 6, dez. 2005.

SODRE, Muniz. *O terreiro e a cidade*: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixas*: Deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio Edições e Promoções Culturais, 1981.